

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FELIPE AZEVEDO CHRISTO

NARCISISMO E ALGUNS DE SEUS REFLEXOS NAS SUBJETIVIDADES

BELO HORIZONTE

ABRIL/ 2017

FELIPE AZEVEDO CHRISTO

NARCISISMO E ALGUNS DE SEUS REFLEXOS NAS SUBJETIVIDADES

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em teoria psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de pos graduado.

Orientador: Verlaine Freitas

BELO HORIZONTE

ABRIL/ 2017

AGRADECIMENTO

Agradeço ao meu orientador Verlaine Freitas, pela disposição e empenho na elaboração deste trabalho. Agradeço também a meus pais que sempre incentivaram a realização de meus objetivos.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de compreender as circunstâncias às quais o narcisismo dos sujeitos está suscetível no contexto de um grupo. Esta compreensão primeiramente ocorre em relação aos estudos de Freud e outros autores sobre o grupo psicológico. Em seguida é introduzido o contexto da cultura de massa e de como esta realidade atual se aproxima (em relação ao narcisismo) ao que configura um grupo psicológico. A indústria cultural de massa é a consequência de transformações históricas que influenciaram os processos psíquicos referentes aos sujeitos que compõem o grupo psicológico.

Palavras-chave-narcisismo; ideal do ego; grupo; cultura de massa

ABSTRACT

The goal of this paper is to understand the circumstances to which the subjects narcissism is susceptible in a group context. This understanding first happens in relation to Freud's studies about the psychological group. Next it is introduced the context of the mass culture and how this current reality approaches (in relation to narcissism) to what configures the psychological group. The culture industry is a consequence of historical transformations that influenced the psychic processes regarding the subjects that constitute the psychological group.

Key words - narcissism, ego ideal, group, mass culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1. O NARCISISMO EM FREUD.....	8
CAPÍTULO 2 PSICOLOGIA DE GRUPO E NARCISISMO	15
CAPITULO 3 CULTURA DE MASSA E NARCISISMO.....	21
CONCLUSÃO	25
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:.....	27

1 INTRODUÇÃO

O objetivo último deste trabalho é apreender como o narcisismo, que fundamentalmente constitui psicologicamente os sujeitos, passa por vicissitudes que, em determinado ponto do desenvolvimento libidinal, tornam possível que os sujeitos se submetam a relações de poder alienantes. Para chegar a este objetivo final tomamos inicialmente como referência o texto de Freud Narcisismo: uma introdução, e também comentários, como Introdução à Metapsicologia Freudiana, de Luiz Alfredo Garcia Roza, que faz a apresentação teórica sobre o narcisismo que consideramos a mais adequada a nosso propósito.

Através desta primeira abordagem do narcisismo, já se delineiam quais seriam as primeiras circunstâncias no âmbito familiar a que o narcisismo estaria sujeito, bem como suas implicações para o psiquismo. O surgimento do narcisismo depende de uma inter-relação de fatores internos e externos ao psiquismo que afetará os indivíduos, em maior ou menor grau, quando fizerem parte de um grupo. Assim, com o objetivo de analisar o contexto dos grupos sociais e sua relação com o narcisismo, utilizamos o texto Psicologia de grupo e análise do eu, de Freud, que aprofunda a interrelação do meio externo e o narcisismo pela ótica de um grupo formado por um líder ou ideia.

Explorando a dinâmica do narcisismo individual, o líder ou ideia exerce seu domínio sobre cada sujeito em um grupo, fazendo com que se abdique a parte do narcisismo a favor da coletividade. Estar no grupo compensa esta renúncia, pois representa uma relação carregada de um forte componente narcísico, uma vez que as relações entre os sujeitos passam a se regular pela identificação ao poder de um destes elementos.

Esta situação representa um contexto que abre caminho para a apresentação no trabalho da relação do narcisismo predominante no mundo globalizado. Os seguintes textos: “A totalidade cindida: O paradigma freudo-marxista de Adorno”, de Deborah Cook, “Indústria cultural: O empobrecimento narcísico da subjetividade” de

Verlaine Freitas e o livro *A arte de reduzir cabeças* de Dany Robert Dufour contribuíram para a realização desta etapa no trabalho.

Este atual patamar globalizado de desenvolvimento civilizatório testemunha a perda de credibilidade de instituições tradicionais, que implica a perda das ideias que por muito tempo regularam as relações entre os sujeitos. Instaura-se assim uma lacuna no psiquismo e agora o Mercado oferece a promessa de preenchê-la mediante um novo ideal, que promove a relação dominada excessivamente pelo imaginário. Isto tem influenciado a forma com que nos relacionamos com nós mesmos e com os outros em relação a diversos aspectos da vida.

CAPÍTULO 1. O NARCISISMO EM FREUD

Ao longo de sua obra, Freud fez revisões significativas em sua concepção sobre o narcisismo. Nosso foco será a elaboração presente no texto “Narcisismo: uma Introdução”. A compreensão de Freud sobre o narcisismo dirige-se às fases iniciais do desenvolvimento libidinal; segundo ele,

[...] estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao eu não pode existir no indivíduo desde o começo; o eu tem de ser desenvolvido. As pulsões autoeróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo — uma nova ação psíquica — a fim de provocar o narcisismo. (Freud, 1914, p.93)

O autoerotismo seria uma fase de desenvolvimento libidinal anterior à formação do eu, quando a pulsão sexual obtém gratificação através do próprio corpo e a libido estaria dispersa, pois a gratificação é obtida de forma fragmentada, em quaisquer partes do corpo que servam como meio para atividade autoerótica. Estas partes seriam erotogênicas e se tornariam objetos parciais da pulsão. O autoerotismo promoveria a desvinculação da pulsão sexual das funções de autoconservação. (FREUD,1914)

Antes, porém, de esclarecermos em que isso consiste, abordaremos um momento anterior, o de vinculação destes dois polos. As funções (ou pulsões) de autoconservação dizem respeito às medidas adotadas e desenvolvidas pelo organismo na tentativa de assegurar sua sobrevivência frente à realidade, como a lactação e a evacuação.

O apoio das pulsões sexuais nas pulsões de auto-conservação demarca uma primeira fase de emergência da libido, a partir da qual o eu irá se formar. Nesse momento, as funções de autopreservação são impregnadas de excitação, que Freud considera como sendo sexual-pré-sexual, de tal forma que não seria possível uma distinção entre estes dois polos, o que pode ser mais bem compreendido através do exemplo da lactação: o seio teria sido um objeto de fusão entre estes dois polos,

sendo não só um meio pelo qual houve a obtenção de nutrientes para a sobrevivência, como também o estimulador da excitação de toda zona oral no bebê. O sentido da lactação ultrapassa o da simples obtenção de nutrientes, pois se torna uma atividade prazerosa em si mesma para o recém nascido, tanto que este substitui o seio pelo próprio corpo quando aquele não está mais disponível. Uma das manifestações do autoerotismo seria este sugar que foi transferido do seio para o próprio corpo. Este outro objeto corporal serve ao bebê como um meio de continuar obtendo satisfação pelo sugar. (ROZA,1995)

Freud (1914) não deixa muito claro o que propicia a transição do autoerotismo à fase de narcisismo, em que já existiria um eu. Lacan (1966), através do conceito de estágio do espelho, complementa essa concepção dizendo que, por meio da imagem especular do outro, o bebê iria adquirindo uma síntese psíquica. Esta relação especular seria suscetível de precipitar no psiquismo do bebê um primeiro senso de coesão psíquica em termos de limites corporais e psíquicos. O eu constitui-se por meio desses limites progressivamente adquiridos. A libido que antes estava dispersa no autoerotismo passa a ser investida na constituição desta unidade.

Este eu agora formado é descrito como investido libidinalmente, caracterizando o narcisismo primário, momento em que o eu seria um reservatório de libido que posteriormente é investida nos objetos exteriores, dos quais retornam ao eu dando origem a um estágio secundário do narcisismo. A libido do eu introduz um elemento novo na teoria freudiana, pois anteriormente o eu se separava do sexual por meio de defesas. No entanto, as funções de autoconservação, que antecedem a formação do eu, ainda se mantêm. O eu continua integrado a estas pulsões de autoconservação e isto não inviabiliza que ele seja libidinizado. (FREUD,1914)

A intensidade do fluxo de libido entre o eu e os objetos está sujeita a variações, pois depende da condição psíquica em cada caso. Freud (1914) aborda diversos estados psíquicos para falar do narcisismo, entre eles o apaixonamento, o sono, a doença orgânica, como também patologias como a psicose, a hipocondria e

neurose. O modo de investimento da libido em relação ao objeto às vezes se diferencia completamente de um estado psíquico para o outro, como, por exemplo, entre o estado de apaixonamento e a psicose. Abordaremos estas diferenças ao longo do trabalho.

Segundo Freud (1914), o narcisismo faz parte da organização psíquica de todos os seres humanos, mas, inicialmente, seu estudo é feito por meio das manifestações patológicas, pois estas apresentariam uma versão amplificada e, assim mais visível, de processos psíquicos que ocorrem no psiquismo de pessoas normais. O desenvolvimento libidinal no narcisismo só adquire caráter patológico a partir de certo limiar, pois, inicialmente, o desenvolvimento da libido em direção ao narcisismo primário segue uma dinâmica semelhante, isto é, independente do fato de estes sujeitos desenvolverem ou não alguma patologia no futuro.

O conceito de narcisismo no texto de Freud (1914) que seguimos de perto começa referindo-se ao exemplo de pessoas que tomam seu próprio corpo como objeto sexual, que demonstraria um retraimento libidinal narcísico, pautado por um desinvestimento dos objetos do mundo externo, com o consequente investimento no eu ou nos objetos internos do eu (fantasias inconscientes).

Os diferentes destinos para a libido retraída dizem da existência de manifestações psíquicas também diferenciadas pela sintomatologia correspondente a cada uma delas, como entre psicose e neurose. Neste contraste, a libido seria recolhida e investida na fantasia na neurose e no eu na psicose. A realidade na neurose seria em parte substituída pela fantasia, pois o sujeito não perde completamente os vínculos libidinais com os objetos exteriores. Na psicose, o preenchimento excessivo do eu pela libido ocasionaria uma perda *sui generis* da realidade, em que os vínculos com os objetos externos seriam substancialmente cortados. Os delírios de grandeza na megalomania psicótica seriam consequência deste eu libidinalmente transbordante. A megalomania, porém, realiza uma contenção da libido, correspondente à que ocorre na neurose pela fantasia. Tal elaboração psíquica seria um processo de tentativa de ligação da libido a objetos

externos, de tal forma que muitos dos delírios nos psicóticos servem a este propósito de restaurar estas ligações libidinais com os objetos que haviam sido perdidas. Na neurose, esta falha de contenção libidinal pela fantasia resultaria em angústia, cuja elaboração seria feita por meio de deslocamento, conversão, formação reativa ou fobias. (FREUD,1914)

Outras manifestações do narcisismo existiriam nas condições de dor física, sono e hipocondria. Freud (1914) coloca que um sujeito que foi acometido por dor física suspende seu interesse pelas pessoas e coisas à sua volta, concentrando toda sua energia na parte do corpo que causaria a dor. No sono, as ligações libidinais com o mundo externo seriam suspensas momentaneamente pela imposição do desejo de dormir. A hipocondria consiste de um mal estar corporal em que nenhuma causa orgânica real é constatada. No estudo psicanalítico sobre a hipocondria, Freud faz um paralelo entre os órgãos genitais com os outros órgãos do corpo, pois os segundos viriam a adquirir o caráter erógeno (passível de aumento e diminuição) por intermédio dos primeiros. O eu estaria implicado na oscilação deste fluxo de libido, influenciando o modo como se daria a modificação de seu investimento libidinal.

Como dissemos, o recolhimento da libido para o eu ou seus objetos internos seria um estágio secundário do narcisismo. No anterior, primário, fala-se do investimento narcísico realizado na criança pelos pais, marcado pelo amor incondicional a ela, atribuindo-lhe todas as perfeições das quais eles mesmos tiveram que renunciar. Ao longo de seu desenvolvimento, o sujeito renuncia a esta perfeição, por sofrer proibições e críticas vindas não só das pessoas responsáveis por sua educação como também da sociedade. Tais vicissitudes chocam-se com todo aquele ideal que foi atribuído à criança e no qual ela mesma se reconhecia por intermédio do amor dos pais. (FREUD,1914)

Disto decorre a transição do que é chamado de eu ideal para o ideal do eu, pois, como compensação ao fato de deixar de ser o ideal de si mesmo da infância (eu ideal), o sujeito ergue um novo (ideal do eu), mediado, segundo Roza (1995),

pelo simbólico.

Em contraposição a este ideal do eu, pode-se dizer que no eu ideal esta mediação simbólica ainda é insuficiente, estando o sujeito fusionado ao ideal. A diferenciação é adquirida ao longo do tempo, à medida que estas vozes proibitivas e críticas provenientes do âmbito familiar e do social são introjetadas. Freud (1914) observa que esta introjeção, para além da constituição do ideal do eu, também contribui para o surgimento de um agente psíquico especial com características semelhantes ao de uma consciência, sentido muitas vezes como algo que nos observa. Esta sensação de ser observado poderia ser tão intrusiva que se assemelharia a uma voz interna narrando a conduta do próprio sujeito. Esta impressão não estaria presente somente em estados patológicos, sendo também relatada por pessoas em condições normais. Esse agente observador também exerceria sua influência por querer realizar uma correspondência entre a conduta do sujeito e seu próprio ideal, e quando isso fracassa surgiriam sentimentos de culpa.

Em torno do ideal do eu também surge a questão relativa à diferença entre ele e a sublimação. Nesta, a libido não seria empregada com o propósito de obter satisfação sexual através do objeto, sofrendo um desvio em relação a sua meta originária, mas sem atuação do recalque. Com isto, a libido seria empregada em esforços que produziriam um reconhecimento social mais elevado. De outra forma, no ideal do eu o recalque tentaria alcançar a correspondência entre o sujeito e o ideal à custa de uma maior repressão de seus impulsos, se comparados a pessoas menos propensas à neurose. Como consequência, o neurótico seria mais suscetível ao sentimento de culpa. (FREUD,1914)

Um campo de aplicação do conceito de narcisismo desenvolvido de forma bem interessante por Freud (1914) é o das escolhas amorosas: o sujeito poderia amar segundo o tipo narcísico ou por apoio (também denominada “anaclítica” na antiga tradução da editora Imago). A pessoa amaria, de acordo com o tipo narcísico:

a) O que ela própria é (isto é, ela mesma),

- b) O que ela própria foi;
- c) O que ela própria gostaria de ser;
- d) Alguém que foi uma vez parte dela mesma;

E em conformidade com o tipo por apoio (“anaclítico”):

- a) A mulher que alimenta;
- b) O homem que a protege, e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar.

As duas modalidades de escolha encontram-se abertas para qualquer pessoa, podendo mesclar-se em graus e formas diversas, mas uma delas tenderá a preponderar no psiquismo. As primeiras escolhas de objeto costumam ocorrer conforme a modalidade por apoio, fundamentado na relação da criança com as primeiras pessoas responsáveis por seus cuidados. Estas primeiras relações deixariam impressões que posteriormente influenciariam para o tipo de escolha de objeto por apoio, vinculada ao princípio de autoconservação do eu por estar direcionada à pessoa que cuida ou protege. O apaixonamento seria um exemplo de escolha de objeto por apoio onde o sujeito abre mão de seu narcisismo e investe todo seu amor no objeto, o que poderia ser reconhecido pela humildade com que o apaixonado se coloca perante a pessoa amada. O narcisismo originário infantil se transporia do sujeito para o objeto de amor, que se torna supervalorizado. (FREUD,1914)

A escolha de objeto narcísica teria como fundamento a tomada de si mesmo como objeto de amor, o que se liga ao estágio inicial do autoerotismo, mas com a diferença de que não se trata mais de objetos parciais e sim do eu, compreendido como uma formação psíquica unificada e unificadora das moções pulsionais. O objeto de investimento libidinal neste tipo de escolha se torna o receptor do fluxo de libido homossexual proveniente do eu, investimento que ocorre narcisicamente através de uma relação especular. O último modo de amor narcísico mencionado é o de amar alguém que foi uma vez parte de si mesmo, que diz respeito à mulher que ama o filho como extensão de seu próprio narcisismo. (FREUD,1914)

Segundo Freud (1914), entraves no narcisismo levariam ao desenvolvimento de uma relação amorosa narcisista a partir de dois modos. Estes seriam amar o que se era no passado, pois já não se é mais, ou amar o que se gostaria de ser por não possuir as excelências do objeto. Esta última modalidade estaria diretamente voltada a um investimento libidinal no ideal do eu. A satisfação conquistada com os objetos por meio deste ideal seria razão de uma grande elevação da autoestima.

Para Freud (1914), a escolha narcísica de objeto seria predominante para as mulheres, enquanto que a por apoio seria predominante nos homens. No entanto, como dissemos os sujeitos não se dividem claramente quanto ao modo de escolha de objeto pelo qual sua libido está voltada, pois a libido se direciona a ambas as formas de relação com o objeto.

Segundo Roza (1995) um componente narcísico estaria presente em toda relação amorosa, mesmo no exemplo do sujeito que abdicou de seu próprio narcisismo à procura do amor de objeto. O componente narcísico seria o entusiasmo do amante em consequência de ser capturado por uma bela totalidade.

CAPÍTULO 2 PSICOLOGIA DE GRUPO E NARCISISMO

No texto “Psicologia de grupo e a análise do eu” Freud (1921), analisa o papel da libido na formação de grupos, referindo-se a questões que já haviam sido tratadas por autores como Le Bon e Mc Dougall, que serviram como um ponto de partida a seu estudo psicanalítico. O narcisismo estaria diretamente implicado na formação destes grupos, ao se ligar às vicissitudes libidinais dos indivíduos.

A psicologia de grupo interessa-se (...) pelo indivíduo como membro de uma raça, de uma nação, de uma casta, de uma profissão, de uma instituição, ou como parte componente de uma multidão de pessoas que se organizaram em grupo, numa ocasião determinada para um intuito definido (FREUD, 1921,p.82)

Apesar de suas diferenças, estas configurações grupais apresentam fatores semelhantes que influenciam em sua organização, começando pelo fato de que há uma inclinação mútua a respeito de uma ideia ou posicionamento entre todos os indivíduos para a constituição do grupo. Este aspecto foi apreendido por Freud através de sua leitura de textos de Mc Dougall sobre o assunto. A passagem a seguir, de autoria de Mc Dougall, foi citada por Freud:

Antes que os membros de uma multidão ocasional de pessoas possam constituir algo semelhante a um grupo no sentido psicológico, uma condição tem de ser satisfeita; esses indivíduos devem ter algo em comum uns com os outros, um interesse em comum num objeto, uma inclinação emocional semelhante numa situação ou noutra e (consequentemente gostaria eu de interpolar) certo grau de influência recíproca. Quanto mais alto o grau dessa ‘homogeneidade mental’ mais prontamente os indivíduos constituem um grupo psicológico [...].(DOUGALL,1920 apud FREUD,1921,p.94-95).

Tanto Le Bon quanto Mc Dougall e Freud sustentam que esta aproximação entre pessoas em um grupo promove a inclusão, porém coube a Freud (1921) a tarefa de compreender esta condição psicanaliticamente. Ele coloca que esta aglutinação de pessoas tem grande relevância no plano narcísico, pois diz respeito às qualidades atribuídas a determinados indivíduos por pertencerem a um grupo. No entanto, esta condição de incluído muitas vezes desencadeia hostilidade em relação a pessoas julgadas demasiado inadequadas para pertencimento naquele grupo.

O texto de Freud nos leva a compreender que esta hostilidade entre os grupos alcança a discriminação entre raças como no nazismo e a escravidão, mas se origina fundamentalmente de sua auto-imagem. Isso abre caminho para a relação entre este fenômeno e o narcisismo, que foi nestas circunstâncias abordado por Freud:

[...] Nas antipatias e aversões indisfarçadas que as pessoas sentem por estranhos com quem tem de tratar, podemos identificar a expressão do amor a si mesmo, do narcisismo. Esse amor a si mesmo trabalha para a preservação do indivíduo e comporta-se como se a ocorrência de qualquer divergência de suas próprias linhas específicas de desenvolvimento envolvesse uma crítica delas e uma exigência de sua alteração.(FREUD,1921,p.113).

Independente de se um grupo se torna ou não hostil a outro, há algo em comum entre todos os grupos, pois seus integrantes espelham um ao outro nesta auto-imagem que é constituída de laços libidinais bastante fortes. Ela seria uma reciprocidade entre os indivíduos, que confere a cada sujeito um reconhecimento de si mesmo, permeado por ideais que têm a função de estruturar o psiquismo.

O grupo que converge sua energia na hostilidade contra outro o faz por sentir que a diferença representa uma ameaça à sua organização, muito estimada por todos os integrantes, uma vez que demandou uma redução do narcisismo individual de seus integrantes a favor da constituição dos laços que organizam o grupo. Esta dinâmica psíquica a favor da organização de um grupo não atua somente na constituição de grupos que se tornaram intolerantes a outros, pois também faz parte da constituição de grupos que não apresentam estas características de hostilidade. Retornando a grupos com este perfil de intolerância, Le Bon fez a seguinte descrição por:

Desde que não se acha em dúvida quanto ao que constitui verdade ou erro e, além disso, tem consciência de sua própria grande força, um grupo é tão intolerante quanto obediente à autoridade. Respeita a força e só ligeiramente pode ser influenciado pela bondade, que encara simplesmente como uma forma de fraqueza. O que exige de seus heróis, é força ou mesmo violência. Quer ser dirigido, oprimido e temer seus senhores. Fundamentalmente, é inteiramente conservador e tem profunda aversão por todas as inovações e progressos, e um respeito ilimitado pela tradição. .(LE BON,1855 apud FREUD,1921,p.89).

Grupos em que estas características se acentuam tornam-se cada vez mais extremos e radicais, gerando entre os integrantes laços libidinais muito fortes, derivados, de acordo com Freud(1921),de impulsos sexuais inibidos em seus objetivos. A força de tais ligações é proporcional a quanto a sexualidade foi represada, o que é válido não somente para grupos que convergem sua libido em hostilidade contra outros grupos, pois a união de um grupo por meio destes laços libidinais também é aplicável àqueles em que esta hostilidade não é acentuada. Assim, os fatores psíquicos que promovem a união de um grupo não promove apenas hostilidade.

Freud descreve uma situação ao longo do desenvolvimento libidinal que parece ser um protótipo desta tendência à inibição das pulsões, que começa desde cedo, no vínculo com os pais, e é reproduzida ao longo das relações de objeto. Estes impulsos, sendo recalçados pela criança em relação ao objeto de escolha, cedem lugar a uma corrente de afetuosidade. Desta forma, as relações de objeto amorosas são em grande parte nutridas por uma parcela destes impulsos recalçados. Muitas vezes a fascinação e o encanto que o sujeito atribui ao objeto são proporcionais à parcela de seus impulsos sexuais que tiveram de ser inibidos, para que surgisse esta supervalorização amorosa do objeto.

No grupo, este lugar de um objeto de amor em comum para todos seria ocupado pela razão do estabelecimento de laços entre os membros, por um objeto que exerça certa fascinação sobre os membros, que, segundo Freud, seria um líder. Na falta deste, algo mais abstrato poderia ocupar este lugar, como uma ideia ou outra coisa em torno da qual todos os indivíduos estabeleçam um laço muito forte, a partir do qual os membros do grupo estabeleceriam uma identificação entre si. Diz Freud:

[...] o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é da natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza de um laço com o líder.(FREUD,1921,p.117).

No caso de grupos que se tornam hostis a outros, há uma relação de amor com o

objeto que inspira os sujeitos de um grupo a amar, desgostar ou mesmo odiar algo externo, que o grupo não considera como à altura das características que foram atribuídas ao grupo e a seus integrantes. A outra faceta mais positiva do grupo revela-se quando a força da união de um grupo também possibilita o alcance de feitos de grande valor ético que o sujeito sozinho não seria capaz de alcançar.(FREUD,1921)

Esta fascinação que o objeto exerce sobre os membros do grupo foi associada por Freud (1921) ao fenômeno da hipnose, que nos grupos seria uma fascinação semelhante ao apaixonamento. A semelhança seria que em ambas as situações, no que diz respeito aos sujeitos implicados, o eu teria sido limitado em seu narcisismo em favor do objeto. Isto levaria o indivíduo a atribuir ao objeto qualidades de engrandecimento e importância que Freud diz ser ilusórias. Em determinadas situações, isto se daria de forma tão extrema, que tudo o que o objeto pede e faz é considerado inocente e correto.

Esta influência que o objeto exerce sobre os membros de um grupo seria a sugestão, sob a qual um grupo pode ser capaz de empreender atos a que um indivíduo isolado não estaria disposto. Por meio dela, a prontidão ao agir é elevada, muitas vezes dispensando uma elaboração prévia. Outro efeito que reforça a influência da sugestão de objeto sobre um grupo seria o contágio, em que o indivíduo reconhece que o outro também está sobre o efeito da sugestão, o que amplifica uma emoção inicialmente desencadeada por meio da sugestão.

Uma sujeição completa do eu em função do amor ao objeto, em seus piores cenários, muitas vezes chega ao ponto extremo do crime. Freud (1921) atribui a esta cumplicidade entre o eu e o objeto a existência de um fenômeno psíquico em que o objeto passa a ocupar o lugar de seu ideal do eu. O ideal do eu neste momento do trabalho de Freud é considerado aquilo que tem a função crítica e de verificação da realidade das coisas, mas que é eclipsada pelo objeto.

O grupo procura estar em sintonia com o líder ou a ideia e passa a ser um instrumento, agindo em seu nome, o que confere ao grupo um propósito e uma razão de existência muito fortes. Isso se dá pelo fato de que, quanto mais próximos do ideal estiverem os eus dos integrantes de um grupo, maiores serão os sentimentos de triunfo. Quanto menor tensão entre o eu e seu ideal, menor é a chance de existirem sentimentos de inferioridade. Esta relação do grupo com a ideia ou o líder é semelhante ao estado de apaixonamento, pois em ambos os casos, os elementos em destaque são o eu e o objeto, em que o eu abriu mão de seu narcisismo, transferiu parte significativa de seu auto-amor para o objeto, sendo, assim, tomado pelos encantos do objeto e subtraído de seu autocontentamento.

Diante do exposto, compreende-se que um grupo pode tanto potencializar algumas capacidades para os sujeitos, quanto empobrecer outras. No que concerne às desvantagens, um sujeito em um grupo tende a perder a capacidade de originalidade própria do pensamento independente. Para a formação e sustentação de um grupo, é imprescindível a limitação do narcisismo individual: “O amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, o amor por objetos.” (FREUD, 1921,p.113).

Entre as configurações grupais, Freud (1921) também refere-se ao socialismo como uma demanda de igualdade para todos que, porém, seria motivada não por um puro sentimento de justiça, mas, surpreendentemente, por seu inverso, um sentimento de inveja que foi reprimido. Esse exemplo serve para levar a mais reflexões sobre a coletivização dos indivíduos, pois em um grupo é esperado que os sujeitos se conformem à organização vigente, o que muitas vezes lhes é imposto. Quando isso ocorre, geralmente não é suficiente para fazer com que todos os sujeitos estabeleçam laços entre si dentro deste regime, surgindo então os que se rebelam contra o sistema. Isto é indício de que as regras de um grupo podem ser vivenciadas como uma limitação a seu narcisismo a favor do grupo, à qual alguns integrantes não estão dispostos, pois não possuem a inclinação libidinal necessária para fazerem parte daquele grupo. Segundo Freud, estes sujeitos seriam exceções, por terem seguido uma direção contrária e mais original, a que os outros membros do

grupo abdicaram, pois, para que um grupo se estabeleça, é necessário que os indivíduos identifiquem-se reciprocamente.

CAPITULO 3 CULTURA DE MASSA E NARCISISMO

Neste capítulo serão abordadas questões referentes ao impacto do que é conhecido como indústria cultural na economia psíquica dos sujeitos. Para tanto foram utilizados dois textos para a estruturação do trabalho: “Indústria cultural: O empobrecimento narcísico da subjetividade” de Verlaine Freitas, e “A totalidade cindida: O paradigma freudo-marxista de Adorno” de Deborah Cook. Em ambos se aborda o entendimento de Adorno sobre as razões pelas quais a indústria cultural exerceria imenso controle sobre as massas. De acordo com o filósofo, a cultura de massa faz com que os sujeitos ofereçam cada vez menos resistência ao sistema capitalista, afetando-os em sua relação à cultura em geral e às outras pessoas.

Segundo Adorno (1962, apud COOK,1996,p.1-26),ao cederem ao sistema sem nenhuma resistência crítica, os sujeitos se tornariam meras engrenagens dessa enorme maquinaria, demonstrando a magnitude do controle exercido pela indústria nas subjetividades. Os esforços subjetivos seriam empregados em atividades de cunho repetitivo, rígido e monótono, que impedem a existência de processos mais criativos e menos fixados em certo padrão. Nesse cenário, é importante o conceito de reificação, usado para caracterizar este modo de produção repetitivo, por meio do qual os sujeitos estão submetidos sem que se deem conta. Tanto o trabalho quanto outras atividades do dia a dia contribuem para esta submissão do sujeito. O trabalho, considerado como um meio para a auto-realização em termos da conquista de autonomia e individualidade, situa-se na contramão do que a atividade laboral em si realmente representa para as subjetividades no capitalismo tardio. Isto demonstra que a seu conceito geral vinculam-se promessas de realizações, como a de individualidade, que na realidade dificilmente foram realizadas para o sujeito.

Isso implica dizer de um esvaziamento do sentido atribuído ao trabalho, conduzindo ao entendimento de que a indústria cultural explora a fragilidade do eu para obter a submissão dos sujeitos a mensagens midiáticas bem elaboradas tecnicamente, que atribuem à subjetividade um sentido, que, porém, não se cumpre. O sujeito, porém, muitas vezes se submete a esta estratégia, na medida em que se

aferra à glorificação de sua imagem pelas produções da cultura de massa. Importa ressaltar que é inconsistente o vínculo entre o eu do sujeito e a imagem, pois esta, apresentando-se como universal, é produzida para criar a ilusão de que existe uma correspondência sem falhas entre a dimensão particular do desejo do sujeito e o objeto em torno do qual o universal se anuncia. Tal como diz Freitas.

“De modo semelhante a como os povos primitivos acreditavam na ligação direta do desejo à satisfação pelo objeto através de uma representação, os meios de comunicação de massa, colocando-se como uma espécie de “presença universal”, assumem o poderio atribuído a eles por um ego profundamente enfraquecido, que a qualquer instante se apoia em uma representação para obter um retorno efêmero à onipotência infantil”(FREITAS,2005,p.332-344)

Esta correspondência entre universal e particular não se sustenta por muito tempo, fazendo com que o sujeito siga sempre trocando de um objeto pelo outro, em busca de uma confirmação de sua auto-imagem por meio destes objetos. Isto demonstra que há uma indistinção momentânea entre o eu e os objetos veiculados por meio de imagens, caracterizando, assim, a relação do sujeito com as produções da cultura de massa como narcísica. (FREITAS,2005)

De acordo com Dufour (2003), este momento da história testemunha a consequência subjetiva do colapso dos ideais do eu que costumavam regular as relações sociais, anteriormente associados à credibilidade atribuída às instituições familiares, religiosas etc. Juntamente com a perda de credibilidade destas instituições, ocorreu o crescimento acelerado da globalização. Como resultado, a queda destes ideais abriu o caminho para que o Mercado viesse a ocupar para muitos sujeitos o lugar anteriormente ocupado por antigos ideais, obtendo assim um poder muito maior sobre as subjetividades.

Esta transição oferece um contexto que será associado com as questões desenvolvidas por Freud sobre o narcisismo como também no texto “Psicologia de grupo e análise do eu”.

De acordo com Freitas (2005), “os diretores de produção da indústria cultural procuram manter a dependência dos indivíduos perante as leis implacáveis de seu inconsciente, apropriadas por aqueles segundo técnicas específicas de identificação e de satisfações substitutivas.”

Uma razão da dependência do sujeito às leis de seu próprio inconsciente específica à indústria cultural é oferecida no livro *A arte de reduzir cabeças*, de Dufour (2003), em que é colocado que o discurso da indústria cultural é auto-referencial, ou seja, remete o sujeito a ele mesmo. A correspondência muitas vezes ilusória entre o eu e sua imagem colocaria o sujeito em risco, pois o impede de ter acesso à condição subjetiva que esta identificação deveria garantir.

Esta dependência do sujeito às leis de seu próprio inconsciente é bastante nociva, uma vez que promove a sujeição dos indivíduos a comportamentos a que eles mesmos encontram dificuldades de atribuir sentido. Por isso, muitas vezes o sujeito manifesta estes comportamentos de forma compulsiva, sem a mínima consciência crítica das consequências dos próprios atos¹. Este é um dos efeitos da indústria cultural semelhantes aos da formação de grupos tratada por Freud sobre as subjetividades. Em ambas as situações, uma identificação é desencadeada em relação a determinada pessoa ou ideia em voga, motivada por um sentimento de onipotência presente em todos os sujeitos da massa. Atualmente o Mercado promoveria esta identificação em massa dos sujeitos com tudo o que ele tem a oferecer. Isto fica bastante claro nas seguintes observações de Dufour:

Tem que haver um produto para satisfazer todo o desejo de todo o sujeito democrático. Commodities devem, em outras palavras, poderem funcionar dentro do âmbito da economia libidinal. É a conexão entre as duas economias (a economia de commodities e a libidinal) que explica o poder e a ascendência contemporânea da narrativa de commodities. O objetivo é trazer todo o desejo face a face com um objeto manufaturado que pode ser encontrado para o consumidor. Isto se aplica aos domínios culturais, práticos e estéticos, ao desejo de distinção social, a necessidades medicas

¹ Isso pôde ser visto de forma exemplar no engajamento das classes médias na campanha capitaneada pela mídia no processo de impeachment de Dilma Rousseff.

reais ou imaginárias, ao desejo de possuir uma grande presença e boas roupas, a desejos sexuais. (DUFOUR,2003,p.57,tradução nossa).

Novamente vemos como a identificação do sujeito se estrutura neste aparente encaixe entre o desejo e o objeto, mas, como já foi dito, a sustentação que este vínculo oferece ao sujeito tende a ser inconsistente.

A diferença nos processos identificatórios das formações de grupo clássicas e a identificação promovida pela indústria cultural seria que, nesta última, o objeto em questão é autoreferido, pois promove um engrandecimento narcísico contingente, remetendo o sujeito a uma imagem que ele tem de si mesmo ao sabor das manipulações de agentes externos, sem lastro histórico substantivo. Isto contrasta com a situação muito comum em formações de grupo mencionadas por Freud em que existe um objeto representado pela figura do líder ou ideia a favor da qual o sujeito abre mão de seu narcisismo. Nesse caso, a referência ao líder ou ideia atenua esta relação direta, especular do sujeito consigo mesmo.

CONCLUSÃO

As mudanças históricas têm um impacto bastante significativo sobre o inconsciente dos sujeitos, afetando também seu narcisismo, pois os referenciais funcionam como um suporte a seu psiquismo. Se o sujeito atualmente é convocado pelo sistema a se tornar o seu próprio referencial, questões pertinentes à existência do próprio sujeito caem a segundo plano. Desta forma o meio externo pode não favorecer que estas questões encontrem meios exteriores pelos quais possam ser mais bem remediadas, principalmente quando o sujeito não dispõe de recursos psíquicos que o auxiliem a não ceder à lógica do sistema tão cegamente. Como consequência, podem se tornar questões que posteriormente adquirem o potencial de se voltarem contra o próprio sujeito causando sofrimento, capaz de desestruturar o suporte imagético por meio do qual o sujeito veiculava sua própria identidade. É como se o espelho por meio do qual o sujeito se reconhece houvesse rachado.

O sujeito assim sustenta seu reflexo neste espelho até onde pode e às custas de si próprio, pois muitas vezes isso implica em forçar seus próprios limites. Isto tem contribuído atualmente para proliferação (em larga escala entre os indivíduos e principalmente os jovens) de problemas referentes às questões de auto-identidade que estão diretamente associadas com o narcisismo.

Ao contrário das formações de grupo analisadas por Freud, que conferiam aos sujeitos do grupo uma identidade mais estável, a configuração grupal em massa orquestrada pela indústria cultural é caracterizada pela habilidade em criar demandas nos sujeitos como também inculcar que tais demandas devem ser atendidas em caráter de urgência. O sujeito muitas vezes vincula questões referentes à sua própria identidade a estas demandas. Assim, a identidade passa a se vincular a, e até mesmo depender de, um movimento de entrada e saída de objetos que incluem desde objetos no sentido restrito da palavra até pessoas. A questão é que não demora muito até que o sujeito perceba que aquilo não é exatamente o que lhe faltava, o que renova o ciclo da demanda por algo a mais.

Assim, o desejo para muitos sujeitos que compõem esta massa foi reduzido à mera necessidade por meio deste novo ideal do Mercado.

Ao longo deste trabalho, vimos que o desenvolvimento psíquico está sujeito à influência externa, incluindo mudanças históricas. Desta forma, estas influências do meio externo afetam diretamente a realidade psíquica e isto é importante ser levado em consideração quando o objetivo é compreender uma realidade a partir de conceitos fundamentais da psicanálise como o narcisismo. Neste trabalho esta postura foi empreendida para compreender a emergência do narcisismo no psiquismo até as circunstâncias históricas às quais o sujeito está suscetível em seu narcisismo no contexto do grupo. Assim, as circunstâncias históricas que favorecem a formação de uma sociedade de massas hoje não são as mesmas que favoreceram a formação de um grupo psicológico na época de Freud. No entanto, as diferenças entre os momentos históricos em que se deram estas formações não invalidam o fato de que muitos referenciais que foram utilizados no passado para compreender a formação de um grupo psíquico através do narcisismo, ainda contribuem para o entendimento do fenômeno da sociedade de massas, pois de alguma forma são fenômenos que apresentam proximidades.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

ADORNO, Theodor Wiesengrund. Die revidierte Psychoanalyse. In: ____ Soziologische Schriften I. Gesammelte Werke. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972. p.20-41.

COOK, Deborah. (1996) **The sundered totality: Adorno's Freudo-Marxist Paradigm.** In: **The culture industry revisited: Adorno on mass culture.** Boston: Rowman & Littlefield, 1996, pp.1-26.

DUFOUR, D-R. (2003). **A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FREUD, S. (1976). **Psicologia dos grupos e a análise do ego.** (Vol. 18, Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1921)

FREUD, Sigmund. (1914). **Sobre o narcisismo: uma introdução.** In: ESB.v.XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1987

FREITAS, Verlaïne. **Indústria Cultural: O Empobrecimento Narcísico da Subjetividade.** Kriterion, Belo Horizonte, nº112, p.332-344, dez/2005.

GARCIA-ROZA. (1995) **Introdução à Metapsicologia Freudiana III.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Lacan, J. (1998). **O estágio do espelho como formador da função do eu.** In: J. Lacan, Escritos. (V. Ribeiro, trad; pp.96-103). Rio de Janeiro: Zahar (Original publicado em 1966)